resenha

Amor, ódio, vingança e um pouco mais: as faces de Medeia

Resenha do livro *Agora sou Medeia: não existe vingança sem ódio*, de Andrea Brunetto

Francina Evaristo de Sousa

O que norteia uma mulher e lhe permite não se perder é não ter sacrificado tudo e ter preservado seu próprio objeto atrás do muro, não o confundindo com aquele que ela representa no amor de seu parceiro. (Nominé, 2008, p. 83)

O livro sobre o qual escrevo teve início com uma questão: por que diabos Dante Alighieri, em sua *Divina comédia*, não colocara Medeia no inferno? Nem no círculo dos luxuriosos, tampouco no círculo dos vingativos? Dante não apenas poupa Medeia da danação infernal como ali, em seu inferno, coloca Jasão no círculo “dos movidos pelo poder e dinheiro”, e escreve que “Medeia poderia sentir-se vingada” (Brunetto, 2023, pp. 15-16). Isso a autora nos conta logo na introdução de seu livro, uma questão que, para nossa sorte, passou a importuná-la por semanas.

Empunhando a questão, Andréa Brunetto envolveu-se profundamente com Medeia. É vasta a pesquisa realizada pela autora, e o resultado de tal romance é esse livro. Mito e literatura como suportes para a transmissão da experiência analítica.

O enlace com o social fica evidente na conclusão da obra. O horror da pandemia, a ascensão do discurso fascista foram dura argamassa trabalhada pela autora em sua escrita, por exemplo, em como nos mostra uma interessante faceta de Medeia, como aquela que denuncia as imposturas do poder.

A Medeia, movida pela paixão do ódio, sem limites em sua vingança, que mata os próprios filhos para melhor ferir Jasão, é criação do grego Eurípedes. Entretanto, o mito que antecede a peça, escrita em 432 a.C., já nos dá fortes notícias da mulher sem limites, dessa vez movida pelo *pathos* amoroso. Alba Abreu escreve na “Apresentação”: “Ela trai o pai, abandona seu reino, mata o irmão, esvazia sua própria vida para seguir o marido estrangeiro” (Brunetto, 2023, p. 12). A Medeia que abre mão do pai, de seu país e que assassina o próprio irmão, estaria ela dentro do limite fálico, tomada pela palavra de amor, desse homem que lhe jurou

fidelidade e união eterna diante dos deuses, como garantia? A aposta na palavra, no simbólico, nos juramentos é o que a deixa afeita a abrir mão de tudo? Por amor, ela priva um pai, seu pai, de um objeto privilegiado, o filho, seu irmão. Com o objetivo de fugir, ela fere o pai de modo semelhante ao estratagema com o qual ferirá o ex-esposo no futuro. Ecoo aqui a questão que Andréa apresenta em seu livro: “Por que Medeia é essa que desfaz os laços entre os pais e os filhos, logo ela que clama aos juramentos?” (Brunetto, 2023, p. 34).

Quanto a seu amor desmedido por Jasão, em que Medeia parece ter alojado seu ser, o que se pode dizer é que o amor não dá garantia, é um vazio (Brunetto, 2023, p. 61). Além disso, na diferença entre essas duas paixões do ser, amor e ódio, o ódio seria um afeto mais lúcido, pois mais próximo do real. Ainda assim, “o ódio é um índice de que o Outro existe” (Brunetto, 2023, p. 40), e, diferentemente do amor, não encobre o Outro com um véu (Brunetto, 2023, p. 54). Falta simbólico ao ódio?

...

Maria Anita Carneiro Ribeiro, em seu livro *Um certo tipo de mulher* (Ribeiro, 2001, p. 105), toma Medeia pelo viés da neurose obsessiva, como aquela que, mais que a histérica, denuncia a verdade de que um filho não é o falo. Andréa Brunetto, sem abrir mão dessa abordagem, apresenta-nos a face histérica de Medeia, em um procedimento que faz pensar em Lacan a propósito da personagem Hamlet, que ele toma não como um histérico ou obsessivo, mas como “uma placa giratória onde se situa um desejo” (Lacan, 2016, p. 312), mostrando “o desejo neurótico em cada instante de sua incidência”.

Com Medeia, o mito de Medeia e as obras inspiradas por tal mito, é sobretudo a partir da clínica e da experiência analítica, que envolve a formação do analista no divã, que Andréa Brunetto escreve. Ela escreve sobre a vingança de Medeia, para apontar, com os casos clínicos de Freud, a presença da vingança na tessitura da fantasia inconsciente do neurótico.

Os gritos dilacerantes de dor que solta a abandonada Medeia servem a Brunetto como metáfora para dizer do objeto alarido. É pelo alarido dos pássaros que os ciganos encontram Macondo, isso lá em *Cem anos de solidão* (Márquez, 1967/1995), e é pela balbúrdia das pessoas em um centro histórico movimentado que Andréa observa os pássaros a fazer sua dança crepuscular, “um alarido sem palavras, só o gozo da vida” (Brunetto, 2023, p. 44), coisa que em nós, humanos, “apela para ser civilizado pela língua”, o gozo da vida. E isso vai dar no interdito (Brunetto, 2023, p. 45). Entretanto, Medeia, abandonada, quando grita, emite um grito animal “mudo de simbólico” (Brunetto, 2023, p. 45).

Da pulsão não se foge, e a autora nos mostra, com Freud, a única mudança de conteúdo possível no destino da pulsão, que se dá entre amor e ódio. Há lugar para a indiferença nessa equação?

...

Outra coisa que eu gostaria de destacar, e que esteve presente nas falas de Andréa Brunetto muito antes da publicação do livro. A Medeia de Heródoto, tido como o pai da História, provoca-lhe uma afirmação ousada, original: Medeia, como o povo da Cólquida conforme Hesíodo os descreve, é negra. Heteros. A autora salienta que “Medeia é vítima de racismo e isso não é abertamente declarado na peça, mas retrata o contexto histórico da época, que aparece de forma alusiva, o da colonização dos gregos sobre os povos ditos bárbaros, os do Cáucaso, de onde vem Medeia” (Brunetto, 2023, p. 24), e com isso a autora ensina sobre segregação e racismo.

Segregação que tem raiz na fraternidade. E, no fim das contas, outra coisa que nos ensina Andréa, com Lacan, é que, como analistas, nós somos irmãos dos nossos pacientes, porque todos filhos do discurso.

...

Por fim, no último capítulo, presentifica-se algo que a autora anunciara no meio do livro, que quem a acompanha de cabo a rabo, nessa escrita, é Ovídio. Soa bem o equívoco, afinal é com o “ovídio” apurado que o analista escuta seus pacientes. O último capítulo versa sobre o desterro. Ovídio é um desterrado, exilado de Roma, sua amada terra, identificado à desterrada Medeia. O analista, assim como Ovídio, sabe-se desterrado, mas não é no horror que ele se ancora, o horror não é o fim.

Ainda no último capítulo, a personagem que a autora traz para o primeiro plano é Egeu, o rei que está passando pela cena, pela ação e que permite a Medeia realizar sua vingança tendo uma terra prometida para se aboletar. Com Egeu, Andréa ensina sobre o pai em psicanálise, sobre a causa do desejo e sobre o ato movido não pela paixão da ignorância, mas, sim, pelo desejo. Pensar com pés é o que faz Egeu, e é também a orientação de Lacan a seus analistas.

Quanto a Medeia, ela “é a mãe castrada por excelência. (...) Ela serviu a Eurípedes para mostrar que o amor à pátria, a um homem, aos filhos, e mesmo ao poder, é uma ancoragem frágil (...) para o sujeito estacionar o seu ser” (Brunetto, 2023, pp. 102-103).

Então, é sobre a trama de Medeia, o juramento, o ódio, o amor, a vingança, um irmão, o desterro. Sobre a análise, sua condução, a passagem de analisante a analista. É disso que trata esse livro.

Referências bibliográficas

- Brunetto, A. (2023). *Agora sou Medeia: não existe vingança sem ódio*. São Paulo: Aller.
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Márquez, G. G. (1995). *Cem anos de solidão* (E. Zagury, Trad.; Carybé, Ilus.). Rio de Janeiro: Record/Altaya. (Trabalho original publicado em 1967)
- Nominé, B. (2008). Os laços do amor e o nó do sintoma. *Stylus: Revista de Psicanálise* (16), 83.
- Ribeiro, M. (2001). *Um certo tipo de mulher*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

Recebido: 10/02/2024

Aprovado: 29/04/2024